

PRÁTICAS VISUAIS ENQUANTO JOGOS URBANOS IDENTITÁRIOS DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS

Taliboy¹

Denise Espírito Santo²

INTRODUÇÃO

Preto com este texto apresentar as principais questões, os sujeitos, os conceitos operacionais, as referências teóricas e as práticas visuais que tenho mobilizado nesse período de um ano e nove meses de pesquisa no doutorado no contexto da linha de Arte, Sujeito e Cidade, parte do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Descreverei através de relatos de experiências como cheguei ao conjunto das práticas visuais que tenho desenvolvido nos últimos 15 anos, como possibilidades de respostas estético/políticas, ou rasgos no campo da norma para dar a passagem – visibilidade/visualidade às diferenças que me coabitam, ou como venho dizendo, como vou sendo transformado/impactado³ pelo embate ‘entre’: de um lado a vida material, social, cultural e por outro lado o já interiorizado, muitas vezes espelhado, mas noutras também rebelado ou não totalmente dócil, mundo subjetivo.

Esse recorte temporal coincide com o impacto ou o tremor de terras (PRE-CIADO, 2020) que as identidades políticas de mediação com o Estado vinculadas as TRANSMASCULINIDADES estão movendo desde então, via organização/criação no ano de 2012 da Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), em 2013 do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), e em 2015 no I Encontro

1 Doutorando do Curso de Artes e Cultura Contemporânea (PPGArtes) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) – RJ, tali.ha.correia@gmail.com

2 Professora orientadora do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – RJ, deniseespirito@gmail.com

3 Ao falar sobre como sou impactado, transformado, há algo do devir deleuziano – o ‘entre’ o eu e o outro, ou a antropofagia tupinambá / o perspectivismo indígena/ o canibalismo / alteridade e como o povo originário brasileiro lida com essas questões de forma a incorporar, sem eliminar a diferença do outro colonial, não pretendo aqui me aprofundar nesse pensamento complexo, mas é importante ter essas questões no horizonte. (CASTRO, 1996)

Nacional de Homens trans (ENAHT), como principais instituições e espaços que visam articular e dar visibilidade política de reconhecimento social a estes sujeitos.

Logo, me interessa compreender por meio da arte, ou baseado nas práticas visuais de cunho ativista, o que a partir disso passa a se movimentar na sociedade e nos jogos políticos das identidades, principalmente dentro daquelas que se avizinham como a comunidade lésbica masculina, as mulheres cisgêneras heterossexuais e bissexuais que não performam feminilidades e nas demais dissidências sexuais e de gênero em corpos com vulva presente principalmente no território da América Latina. É importante ressaltar que essa pesquisa é minha própria experiência de radicalização de gênero, hoje EX-MULHER (didaticamente falando), TRANSMASCULINO (identidade política) E SAPATÃO (identidade afetiva), logo sou exemplo vivo desse impacto.

Ou dito de outra forma: como tais sujeitos têm impactado, transformado a mim e a sociedade, assim como a necessidade/urgência de operar via o avesso ou a paródia (BUTLER, 2003; HALBESTAM, 2008; HUTCHEON, 1991) da norma, enaltecendo e transformando as agressões a esses(as) sujeitos(as) que antes, por não poderem se afirmar nessas ‘novas’ identidades, encontravam-se fixas dentro das antigas e binárias identidades, na maioria das vezes sob a alcunha da ofensa ou do apagamento?

Logo, esse texto prioriza o caminho metodológico e espero deixar nítido ao final desta escrita que esse caminho é resultado de muitas perguntas anteriores que me mobilizam a inventar/criar/produzir trajetórias visuais em forma de reelaboração dessas mesmas experiências.

Assim, adianto que essa pesquisa tem se mobilizado a partir de três conceitos centrais, que são: as *práticas visuais enquanto jogos urbanos identitários* – instalação do caminho metodológico, ou lugar do ‘entre’ a subversão e a afirmação das identidades/diferença; *Masculinidades Embucetadas* – tem o intuito de apresentar os principais sujeitos da pesquisa assim como instalar um lugar do “entre” os boycetas/mascucetas⁴/transmasculinidades/homens trans e uma parte⁵ das *masculinidades femininas* (HALBESTAM, 2008), ou, um ‘entre’ as novas e antigas formas de nomeação desse coletivo diverso de sujeitos subalternizados pela norma; e por fim *escrita de artista* – um ‘entre’ a linguagem corporal e as práticas discursivas - conceito expandido de escrita para além do texto – em formato

4 Projeto humorístico musical elaborado para substanciar discursivas LGBTIA+, sobretudo trans, a partir do riso subversivo. Belo Horizonte - MG. Contato:projetomascucetas@gmail.com

5 Importante frisar que nem todas as masculinidades femininas são embucetadas, vide mulheres trans, travestis, não-binárias que ao nascer foram designados homens, assim como demais corpos intersexos e dissidentes.

de outras linguagens que deem conta de capturar as complexidades dos jogos de linguagens e das experiências.

Essa pesquisa visa romper binários clássicos científicos, que tem por objetivo além de denunciar mais esse mito moderno da colonialidade do saber (LANDER, 2005), instalar dentro desse mesmo espaço hegemônico o lugar do ‘entre’, do ‘outro’, da diferença, alteridade, do devir e da transformação – *eu-sociedade* – para compartilhar a potência, através das táticas de aparição (visibilidade e visibilidade) e enunciação múltiplas advinda dos campos das artes, da estética, política, cultura e sociedade – o que politicamente foi deixado de fora da violenta episteme ocidental branca, burguesa, cisgênera, patriarcal, heteronormativa, do norte global, cristã e neoliberal, alicerce comum dos jogos das identidades modernas. E também interessa observar, o que acontece quando essas vozes vêm à tona? Quais impactos elas trazem para o campo da norma, das demais dissidências? E na redistribuição dos lugares sociais?

Por fim, pretendo além de apresentar o referencial teórico, reforçar o lugar teórico-prático de uma pesquisa no campo das Artes, “[...] onde pensar é fazer e fazer é pensar” (TALIBOY, 2022), trazendo como resultado em processo alguns trabalhos/conceitos que são fundamentais e que me auxiliaram na aparição das Práticas Visuais enquanto Jogos Urbanos Identitários das *Masculinidades Embucetadas*.

O CAMINHO METODOLÓGICO E OS RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DAS PRÁTICAS VISUAIS DE CUNHO ARTIVISTA

Fazendo um rápido retrospecto desses últimos 15 anos e do desenrolar dessas práticas visuais de cunho artivista, que se deram pela busca e tentativa de expressar via deslocamento das linguagens do campo das Artes Visuais, principalmente os vinculados as vanguardas do século 20, assim como a aproximação com o vocabulário dos movimentos sociais ao qual passei a ter contato a partir de 2003 e a vivência feminista a partir de 2007, que consegui dar vazão nesse primeiro momento em forma de desenhos em páginas diárias de agendas, o que hoje pode ser entendido como uma das primeiras experimentações do que tenho elaborado enquanto *escritas de artivista*, utilizando a força do desenho automático proposto pelos métodos surrealistas, e logo seleccionei alguns ‘entre’ outros tantos que permaneceriam no ostracismo para ampliar nos fundos dos muros de uma escola municipal de Salvador - BA, em frente a vila em que morava. Chamei essa produção de partilha dos desenhos com toda a vizinhança - afinal tinha

convicção que esses desenhos não pertenciam apenas a meu mundo subjetivo e sim ao social do qual fazia parte - de “Civilização Mágica” (2007-2010).

Buscando resolver esse problema político de qual o desenho trazer à tona, bem como outros problemas que foram surgindo no caminho, dentre eles buscar uma mediação ‘entre’ a vontade política do consciente *versus* a força propulsora e descontrolada do inconsciente presente nesse desenho automático, que cheguei através da exaustão da criação e na observação do que naquela profusão de desenhos tinham em comum, quais poderiam ser suas repetições e diferenças. Fui entendendo que podia alinhar essas questões por meio da nomeação desse mal-estar ou opressão que a vida urbana infligia. Assim chego nas séries urbanas das *pinturas.guerrilhas* (2011-2014), junção dos desenhos e dos jogos poéticos das palavras que usava para assinar as séries de duas cores como: “O GRITO”, “EDIFICIL NA CIDADE”, “DUELO”, “LUTO”, “MEIO-AMBIENTE”, “SÓCORRO”, “guERRA” e “salvaDOR”, agora a série é espalhada não apenas na vizinhança de onde morava, mas em diversas vias movimentadas da cidade de Salvador-BA.

Encaro essas primeiras tentativas estético-políticas de nomeações, como a busca por me aproximar ao que até então era inominável, ou seja, as opressões, e aqui é importante frisar o projeto bem sucedido da empreitada colonial em toda a América Latina em silenciar/apagar/violentar/invisibilizar a partir das políticas de Estado e demais aparatos institucionais, o que os pensadores decoloniais nomearam como colonialidade do poder/saber e ser. Com o tempo fui compreendendo essa dificuldade de nomear/expressar as opressões, que parecia ser um problema individual é, na verdade, coletivo. Por isso, também a necessidade de desde o início partilhar/disputar essas primeiras nomeações no espaço urbano das cidades.

Assim, seguimos buscando nesta última década, tanto eu, quanto a sociedade brasileira, avançar e literalizar ainda mais o espaço da metáfora, e, com a licença poética do *spoiler*, foi assim que cheguei nos *jogos urbanos identitários*.

Retomando a cronologia dessa narrativa, é que em 2012 chego na prática visual feminista do *LUTO*, impactado naquele momento pela Marcha das Vadias e aparições dos Black Blocks (2013), então, a *escrita de artista*, ou melhor, as *pinturas.guerrilhas* do *LUTO* se transforma em corpos mascarados com seios de fora e braços em ristes, espalhados pelas ruas e muros abandonados de Salvador e demais cidades que circurei desde então, transbordam as próprias regras das *pinturas.guerrilhas* ao se tornarem multicoloridas. Segui com o *LUTO* por mais de uma década e esta também pode ser diferenciada pelas suas características e momentos históricos/políticos que podem ser identificadas como 3º e/ou 4º ondas feministas.

A primeira é a que descrevi acima, onde a máscara e os seios de fora permitiram um rápido reconhecimento nas ruas, assim como unificaram e simplificaram a mensagem, não deixando dúvidas do que se tratava aqueles corpos. Por outro lado, o que parecia ser a solução, mais a frente se tornou também o problema, assim como o acirramento político pelos anos de 2016 que chegou com força e violência nas ruas das cidades, tendo a partir de então armas apontadas para mim e tendo que fugir de linchamentos da própria população. Entendi que precisaria mudar de tática, passei a produzir instalações mais rápidas para revelar as mascaradas do *LUTO* na própria arquitetura das cidades, assim como dei o próximo passo me reaproximando da universidade e iniciando a segunda e terceira onda do *LUTO*. Tensionando próprio *LUTO*, assim como o feminismo, ao trazer às críticas do transfeminismo, feminismo negro e lésbico para o centro das práticas e máscaras a diferença e não mais a unificação das identidades feministas. Então, assim chego na produção do *LUTO ENQUANTO PRÁTICA E TÁTICA VISUAL DE PIRRAÇA URBANA DA MULTIDÃO SAPATRANSBONDE* (TALIBOY, 2021), título da dissertação e de uma série de trabalhos que movimentei nos espaços urbanos e uma possível saída para lidar com os desafios de seguir fazendo luta política via identidades (BUTLER, 2003).

REFERENCIAL TEÓRICO: ‘ENTRE’ A SUBVERSÃO DA TEORIA QUEER E AS POLÍTICAS AFIRMATIVAS LGBTQIAPN+

O referencial teórico está ancorado nas principais discussões e dilemas das lutas políticas via identidades na contemporaneidade, no ‘entre’ as subversões - teoria *queer* e as políticas de afirmação/reconhecimento LGBTQIAPN+, assim como dentro das práticas artivistas e urbanas. Um diálogo ‘entre’ os pós-estruturalistas europeus e norte-americanos em constante atualização e crítica com o pensamento decolonial originário produzido na Latinoamérica e a partir dos movimentos sociais.

Pretendo utilizar o conceito da *partilha do sensível* (RANCIÈRE, 2005), para pensar no que tenho elaborado como *partilhas das identidades* - a partilha política dessa subjetividade rebelde que escapa, muitas vezes ainda não nomeada, assim como para somar forças com aquelas ainda invisibilizadas e sem direitos jurídicos, sociais fundamentais. Dessa forma, é importante também refletir sobre a dificuldade de nomeação das opressões, entendendo o campo das artes, da política, da linguagem e dos embates ‘entre’ o irrepresentável, como lugares fundamentais e interdisciplinares para seguir pensando nesses dilemas sociais, políticos, culturais das identidades, representações e seus limites.

Tenho buscado junto com autores transmasculinos e não-binários, como Ian Habib, Leonardo Peçanha, Dri Azevedo, Bruno Santana, Coletivo de Artista Transmasculines (CATS), Revista Transviade, Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), Liga Transmasculina João Nery, e demais sujeitos, entender/disputar qual seria o lugar das transmasculinidades, ou indo um pouquinho mais além, das *Masculinidades Embucetadas*, dentro dos feminismos ou do transfeminismo, assim como de toda a sociedade, visto que boa parte dela ainda insiste em não reconhecer tais identidades e/ou sujeitos.

RESULTADOS EM PROCESSO DAS PRÁTICAS VISUAIS DAS MASCULINIDADES EMBUCETADAS

Nesses anos de ativismo, aprendi em coletivo a desarmar uma parte dessa bomba colonial que é transformar a ofensa da norma em motivo de orgulho. Sobre essa máxima que produzi o trabalho das “Camisas do time das Masculinidades Embucetadas em campo”, para além de apresentar os principais sujeitos dessa pesquisa para fora da universidade, sigo vestindo essas camisas/identidades de futebol do Flamengo, em que troco o nome pessoal dos jogadores, para trazer estampado nomes das identidades (ou nomeações advindas da opressão/xingamentos e também da resistência/invenção reelaboradas dentro da própria comunidade) vinculadas as *Masculinidades Embucetadas*, como: “EX-MULHER”, “BOYCETA”, “HOMEM TRANS”, “SAPATÃO”, “GRELO-DURO”, “INVERTIDU”, “XX BOY”, “MULHER-MACHO”, “TRANSMASCULINE”, etc. Assim, busco trabalhar em mim que ao ser lido/reconhecido pelo “outro”/sociedade como pertencente a qualquer uma dessas identidades ou nomeações avizinhas, não me seja motivo de ofensas, sim de orgulho/afeto.

Seguindo na mesma linha, apresento outro trabalho chamado “Embolada de Gênero”, que consiste em espalhar bolas de futebol pela cidade como armadilhas. Ao serem levadas para outros espaços, principalmente o privado, colocam em xeque a cisgêneridade da masculinidade hegemônica, trazendo ao centro da bola a imagem cisgênera do mascote criado pelo próprio jogador de futebol Gabigol (ídolo do Flamengo) vestindo a camisa do “EX-MULHER” e envolta das palavras “MASCULINIDADES EMBUCETADAS”.

Em cima dos afetos a essas identidades marginalizadas, que por tanto tempo me amedrontaram e das quais busquei passar ao largo, por conta dos rechaços sociais destinados a elas, hoje retorno cheio de afeto e sigo reelaborando outras práticas como “Primavera das Masculinidades Embucetadas”, “EU ❤️ MASCULINIDADES EMBUCETADAS”, “Lápis de Ricar o Gênero Colonial” e “Isso não é uma

Genitália”, onde tenho buscado mesclar e inverter os elementos da representação operando via o avesso da norma, ou seja, usar seus mecanismos de representação/controlar a nosso favor, enquanto comunidade trans e demais dissidências identitárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E PARCIAIS

Jogos urbanos identitários são, antes de tudo, jogos de linguagem e também o que escapa, ou o tal incapturável, movimenta e renova o próprio jogo de linguagem, almeja como todos os jogos ser a própria liberdade, está para além do campo racional, busca criar um intervalo que contenha suas próprias leis e regras, mesmo que momentâneas e pode ser compartilhado, repetido enquanto memória e têm a capacidade de criar outros laços comunitários, assim como ornamenta ao mesmo tempo que expande a vida. (HUIZINGA, 2004)

Me parece irresistível usar de suas capacidade lúdicas/estéticas para ecoar as aberturas e os rasgos nos campos da norma e assim favorecer a aparição de sujeitos/identidades, tais como as *Masculinidades Embucetadas*, antes impossibilitados(as) de virem à tona no campo urbano enquanto sujeitos jurídicos, ou seja, portadores de direitos e da almejada cidadania. Por este motivo, essa pesquisa aposta na importância das afirmações e também na possibilidade de seguir bagunçando os binários, presentes também nos *jogos*: ‘entre’ o par seriedade (que se encontraria fora do jogo, na vida real) e a brincadeira (ou o faz de conta próprio do jogo), adicionado de outro binário trazido dos embates com as identidades que é a afirmação e a subversão, com o intuito de complexificar o jogo e a vida.⁶

Há também, uma pitada de *pirraça urbana* (TALIBOY, 2021) na apropriação polêmica da palavra *identitária*, uma vez que não podemos nos esquecer que essa palavra é usada para desmerecer os avanços sociais via implementação de políticas públicas das identidades na América Latina.

Por fim, o relato pessoal, escrito em blocos de notas processuais, trazem elementos e táticas intuitivas de como fui lidando com as opressões, e como esse binário jogo/realidade me acompanha, ousou dizer, que há muito mais tempo do que o recorte temporal desta pesquisa, e que agora há pouco mais de dois meses, me fez chegar a esse conceito operacional das práticas visuais enquanto *jogos urbanos identitários* e nos quais futuramente pretendo me estender mais.

6 As coisas em minha vida que eram brincadeira/jogo eu acabei levando a sério, já as que eram sério eu levei como brincadeira. Não de forma premeditada ou tática como gostaria e teria sido mais fácil, ou pelo menos mais consciente, mas foi a forma que fui encontrando de desvencilhar ou lidar com as situações opressivas que foram acontecendo ao meu redor. (Comunicação pessoal)

Palavras-chave: Identidades; Jogos Urbanos Identitários; Masculinidades Embucetadas, Artivismo; Transmasculinidades

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Editora: Civilização Brasileira. 21ª edição, 2003.

CASTRO, Viveiro. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Mana**, 2(2), 115-144. <https://doi.org/10.1590/S0104-93131996000200005>

HALBERSTAM, Judith. **Masculinidad femenina**. Barcelona-Madrid: EGALES, 2008.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Colección Sur Sur. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

PRECIADO, Paul. **Um Apartamento em Urano**: Crônicas de travessia. Aguiar, Eliana (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental / Editora 34, 2005.

TALIBOY. Relato de experiência enquanto escrita de artista: Reflexões acerca da prática visual do trabalho Masculinidades Embucetadas no contexto de Arte, Sujeito e Cidade. **Revista Estudos Transviades**, Rio de Janeiro-RJ, v.3, n.6, p.87-111, novembro, 2022. Disponível em <<https://revistaestudostransviades.wordpress.com/2022/11/09/518/>>. Acesso em 25/11/23.

TALIBOY. **LUTO enquanto prática e tática visual de pirraça urbana da Multidão SAPATRANSBONDE**. Orientador: Roaleno Amâncio Costa. 2021. 276f. il.

Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.